

# Iluminações ao pé de um poço

*Antonio Helio Cabral\**

---

\* Pintor, desenhista, escultor, professor e arquiteto

Sua formação artística é bastante eclética, mas destacam-se a convivência com Antônio Carelli e Raphael Galvez. Como professor, coordenou e ministrou os ateliês de arte do Museu Lasar Segall e lecionou desenho e pintura na Pinacoteca do Estado de SP.

Ao pé de um poço uma feérica luz nasceu e fez resplandecer tudo que tocava: o capim com suas lanças retilíneas em meio à folhagem áspera, os torrões de terra nas cristas do chão, o frescor das ervas no canteiro. Tudo, por ela corrido, revelava presença e vitalidade, jamais vista. A poucos passos dali, as paredes do casebre exibiam sua construção, pedra sobre pedra, em desenhos irregulares no assentamento, no corte das pedras, no tamanho e forma. Os cinzas esverdeados, de cinabre e tons terrosos, manifestavam variações na cor e no sombreado, no jogo entre avanços e recuos dos blocos. As cerâmicas do teto, remontadas em escamas, ora se mostravam fiéis ao barro queimado, exibindo o terracota vívido, ora acusavam os musgos, as sombras da luz e do tempo. Havia fumaça na chaminé, fumaça leve e esgarçada que flutuava em torno do escape antes de transportar, em voo oblíquo, o espírito da lenha que estalava em brasa. Parecia ascendente o voar, e o foi, mas antes de olhar para o céu, revelou o ouro movente do trigal, rasou pela orla embaçada do brejo, coita de rãs e grilos. E continuou, foi, como que seguindo algum chamado invisível, bater nas muralhas do burgo, ultrapassando-as.

No paço central, a feira oferecia as mais variadas seduções aos sentidos das gentes. Os porcos, esquartejados, expunham suas entranhas, vívidas ao olhar; olhar capaz de levar à verificação da forma, da consistência dos tecidos, dutos, veias, nervos e ossatura. A luz, grande parceira do entendimento, abria caminho entre as vísceras e as tripas, ampliando o campo do saber, do trânsito da vida entre os pulmões e o grunhido. O apetite servia-se dos cortes inventados pelo cutelo, reluzente das mãos gordas

do açougueiro. Na vizinhança, o teatro de fantoches inicia a apresentação, sequestrando o olhar, crédulo e sádico do público, na compadrice das maldades perpetradas aos personagens, da história que transcorria. O machado implacável de um novo poder, faz rolar, em púrpura, a cabeça de um rei. Cores protagonizam a cena, brilham nos olhos perplexos e famintos de sangue. Entre tantas ofertas para o olhar, um plano revestido de veludo escuro, ostenta grandes lentes que capturam a curiosidade dos olheiros, demonstrando partes e sutilezas de um cadáver de mosca, desvelando suas intimidades anatômicas. Na surpreendente aproximação de uma torre distante, antes nunca vista, sem a intermediação das grandes lentes. Varreu a luz cada parte, cada canto do burgo, com muita diligência, até rumar para outros sítios, sem trégua ou retenção. Fartou-se de flechar seus raios em tudo que era coisa. Tomou outros rumos, bateu impensáveis terras, e voltou à beira do poço onde, pela primeira vez, surgiu. Ali, o poço, de sua profundidade trevosa, a desafiava; só ele não fora por ela aclarado. E assim, depois de muitas tentativas em alumiá-lo, a luz afastou-se derrotada no tentamento de levar seus raios, àquele buraco. Ao se afastar, pode ouvir, vindo do âmago do poço, a inconfundível voz humana perguntar-lhe: quem sou?